

LITURGIA: LUGAR TEOLÓGICO

LITURGY: THEOLOGICAL PLACE

Veronice Fernandes¹

Resumo: Utilizamos na pesquisa do nosso tema “liturgia: lugar teológico” a via histórica, a exemplo do liturgista italiano Salvatore Marsili que adotou este caminho, ao escrever sobre a teologia litúrgica. Na antiguidade cristã a liturgia é teologia, a *lex orandi* era a mestra que ensinava. Na celebração e a partir dela se produzia teologia (norma da oração que estabelece a norma da fé). Mas, infelizmente com o passar do tempo, houve um distanciamento entre teologia e liturgia. Mais tarde, com o Movimento Litúrgico, inicia-se uma reaproximação, até porque pesquisadores deste Movimento, recuperam o caráter teológico da liturgia e seu lugar não só na teologia, mas em toda vida da Igreja. Lugar este, ratificado pelo Concílio Vaticano II, que começa sua Constituição litúrgica com a teologia da liturgia (SC 5-8) e afirma que a liturgia é cume e fonte da vida da Igreja (SC 10). Felizmente, muitos liturgistas, Instituições, como também agentes de pastoral, continuam este “Movimento Litúrgico”, por meio da formação e projetos de pastoral, fazendo com que a liturgia seja fonte da espiritualidade e da vida da Igreja.

Palavras-chave: Liturgia. Lugar teológico. Mistério pascal. Teologia litúrgica. Ciência litúrgica.

Abstract: In the research of our theme “liturgy: theological place” we used the historical framework, like the Italian liturgist Salvatore Marsili, who adopted this path, when writing about liturgical theology. In Christian antiquity the liturgy is theology, the *lex orandi* was the teacher who taught. In the celebration and from it theology was produced (the norm of prayer that establishes the norm of faith). But, unfortunately over time, there was a gap between theology and liturgy. Later, with the Liturgical Movement, a rapprochement began, not least because researchers of this Movement, recover the theological character of the liturgy and its place not only in theology, but in the whole life of the Church. This place, ratified by the Second Vatican Council, which begins its liturgical Constitution with the theology of the liturgy (SC 5-8) and affirms that the liturgy is the summit and source of the Church's life (SC 10). Fortunately, many liturgists, institutions, as well as pastoral agents, continue this “Liturgical Movement”, through formation and pastoral projects, making the liturgy a source of the spirituality and life of the Church.

Keywords: Liturgy. Theological place. Paschal mystery. Liturgical theology. Liturgical science.

Introdução

Tratar de liturgia como lugar teológico (*locus theologicus*) é uma tarefa complexa. Acreditamos conveniente iniciar nosso trabalho apresentando alguns dados sobre a obra de Melchor Cano, *Locis Theologicis*, uma vez que o assunto é liturgia

¹ Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: fernandesveronice@gmail.com

como “lugar teológico” e, justamente a obra que apresenta os lugares teológicos, simplesmente ignorou essa condição da liturgia, com consequências históricas para ambas, teologia e liturgia, já que o livro de Cano foi durante séculos uma obra fundamental e determinante para a metodologia teológica.

Alguns autores assinalam que Melchor Cano às vezes fala do “lugar teológico” como “fonte” e, sendo a liturgia compreendida como lugar teológico, bem como, fonte da teologia, achamos por bem esclarecer estes conceitos.

A liturgia não só é um lugar teológico, como também a teologia primeira. Resgatar o adágio *lex orandi - lex credendi*, sem sombra de dúvida, contribui para superação da separação ainda existente entre as dimensões do celebrar e do crer (no estudo da teologia, na catequese, nas práticas celebrativas, na organização pastoral etc.). Na busca da superação desta separação entre teologia e liturgia, será preciso respeitar a autonomia de cada uma.

Em seguida, nos dedicamos à pesquisa do nosso tema “liturgia como lugar teológico”. Para isso, utilizamos a via histórica, de acordo, sobretudo com o liturgista Marsili, que adota como referência este caminho quando disserta sobre Teologia Litúrgica. Aí percebemos que, na antiguidade cristã a liturgia é teologia, mas infelizmente com o passar do tempo houve um distanciamento das duas. Mais tarde, com o Movimento Litúrgico, inicia uma reaproximação, até porque pesquisadores deste Movimento, recuperam o caráter teológico da liturgia e seu lugar não só na teologia, mas em toda vida da Igreja. Lugar este, ratificado pelo Concílio Vaticano II, que inicia sua Constituição litúrgica com a teologia da liturgia (cf. SC 5-8) e afirma que a liturgia é cume e fonte da vida da Igreja (cf. SC 10).

Outra declaração importante dos padres conciliares para o nosso tema está no artigo 16 da *Sacrosanctum Concilium*, que trata da formação litúrgica: “Nos seminários e casas religiosas de estudos, a disciplina da Sagrada Liturgia esteja entre as matérias necessárias e mais importantes, nas faculdades teológicas, porém, entre as principais. E seja tratada tanto sob o aspecto teológico e histórico, quanto espiritual, pastoral e jurídico”. E o Concílio ainda chama a atenção para que “os professores de outras disciplinas ensinem o Mistério de Cristo e a história da salvação, de tal modo que transpareçam claramente a conexão com a liturgia e a unidade da formação sacerdotal”.

1. *Locus theologicus*

Em 1521, o teólogo protestante Philip Melanchton foi um dos primeiros pensadores que tratou de *loci theologici* em seu livro *Loci Communes rerum theologicarum*, no qual interpretou lugares teológicos como aquelas doutrinas que constituem e organizam a reflexão teológica. Melanchton aplicou o termo aos sistemas protestantes da dogmática e foi mantido por muitos no final do século XVII (MANSCHRECK, s/d).²

Mais tarde, em 1563, Melchor Cano (1509-1560) desenvolveu o conceito católico de *loci theologici* em seu trabalho *De Locis theologicis*.

Aquino Júnior, afirma no artigo *Sobre o conceito “lugar teológico”*:³

Partindo da distinção entre argumentos de razão e argumentos de autoridade e da afirmação do primado da Autoridade sobre a Razão na teologia, Melchor Cano, baseando-se nos Tópicos de Aristóteles, compreende os “lugares teológicos” como os lugares de onde se tiram os argumentos teológicos: “Assim como Aristóteles propôs em seus Tópicos uns lugares comuns como sedes e sinais de argumentos, de onde se pudesse extrair toda argumentação para qualquer classe de disputa, de maneira análoga, nós propomos também certos lugares próprios da teologia como domicílios de todos os argumentos teológicos, de onde os teólogos podem sacar todos os seus argumentos ou para provar ou para refutar” (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451).

Melchor Cano estabelece dez “lugares teológicos”: 1. A autoridade da Sagrada Escritura nos livros canônicos; 2. A autoridade da tradição não escrita de Cristo e dos apóstolos; 3. A autoridade da Igreja Católica; 4. A autoridade dos conselhos gerais, na qual reside a autoridade da Igreja Católica; 5. A autoridade da Igreja Romana, isto é, a autoridade do papa; 6. A autoridade dos pais da igreja; 7. A autoridade dos teólogos

² Dados extraídos da internet sem data de publicação e paginação.

³ O autor, neste artigo está explicitando o termo “lugar teológico” por conta da ‘polêmica’ criada após a Notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre dois livros de Jon Sobrino: “Um dos pontos mais decisivos e mais polêmicos da teologia da libertação (TdL) diz respeito precisamente à compreensão e à determinação do “lugar teológico”. E isso, tanto em relação aos críticos da TdL, como revela, por exemplo, a Notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre dois livros de Jon Sobrino, quanto entre os próprios teológicos da libertação, como revela o debate recente sobre o método dessa teologia desencadeado pelas críticas de Clodovis Boff. Por trás da polêmica está, entre outras questões, duas compreensões bem distintas do conceito “lugar teológico”, cujos principais representantes são o dominicano espanhol Melchor Cano (1509-1560), por um lado, e os jesuítas espanhóis/salvadorenses Jon Sobrino (1938-) e Ignacio Ellacuría (1930-1989), por outro. Aqui, interessa-nos, simplesmente, explicitar, em forma de tese, essas duas compreensões e sua possível articulação e complementaridade” (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451).

escolásticos; 8. A autoridade da razão humana; 9. A autoridade dos filósofos e por último, 10. A autoridade da história humana (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451).

A partir da ordem elaborada por Cano, alguns teólogos classificaram os dez lugares teológicos em três categorias principais, conforme escreve Aquino Júnior:

Os argumentos que se extraem dos sete primeiros lugares são argumentos “inteiramente próprios” da teologia, enquanto os que se extraem dos três últimos lugares são argumentos “adscritos e como que mendigados do alheio”. Dos dez “lugares teológicos”, diz ele, “os dois primeiros contêm os ‘princípios próprios e legítimos’ da teologia, enquanto os três últimos contêm os ‘princípios externos e alheios’, pois os cinco intermediários contêm ou a interpretação dos princípios próprios ou essas conclusões que nasceram e saíram deles”. Para Melchor Cano, “lugar teológico” significa, portanto, os “domicílios” ou as “fontes” de argumentos da teologia, ou seja, os lugares de onde se pode extrair os mais diversos argumentos teológicos (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451-452).

O último *locus theologicus* da lista de Melchor Cano, a história humana, é o que mais recebeu consideração na teologia contemporânea. A efetiva inclusão da história e da experiência humana como uma das fontes ou locais mais importantes da teologia tem sido uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II (CAMPESE, 2005, p. 26).

Vale lembrar que na célebre obra de Melchior Cano – *De locis theologicis* – a liturgia não vem mencionada. Será necessário esperar pelo século XVII e XVIII para que a ciência litúrgica, que então nasce com metodologia histórica, comece a ser tida em conta pela Teologia que então passa a reconhecer na Liturgia mais um dos seus “lugares” (PEIXOTO, 1982, p. 91).

Algumas vezes, Cano fala do “lugar teológico” como “fonte”. Correntes teológicas contemporâneas começaram a distinguir entre fontes e lugar da teologia. “Fonte” foi reservada para designar os testemunhos e tradições que transmitem o conteúdo da fé. São basicamente as Escrituras e a Tradição em toda a sua amplitude. E a expressão “lugar teológico” designa principalmente o lugar eclesial ou social a partir do qual o teólogo faz sua reflexão teológica. Campese, citando Martínez Díez resume este debate:

As fontes fornecem ao teólogo o material para reflexão teológica; o local fornece a perspectiva da qual você reflete. Entre os dois elementos, há uma relação dialética: o lugar teológico faz as fontes falarem, e estas, por sua vez, ajudam a delinear e retificar

constantemente a perspectiva de reflexão fornecida pelo lugar teológico (DIEZ *apud* CAMPESE, 2005, p. 28).⁴

Então, por “fonte” da teologia, entende-se o “depósito da fé”, isto é, “aquilo que, de uma ou de outra forma, mantém os conteúdos da fé”. Por “lugar” da teologia, entende-o a partir de onde (social) se tem acesso às “fontes” da fé e da teologia e o a partir de onde essas mesmas “fontes” dão mais ou menos de si (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 451-453).

2. Liturgia, lugar teológico?

Para compreender a liturgia como lugar teológico é oportuno iniciar com a premissa terminológica feita por Marsili:

A liturgia, no termo e em seu significado imediato, parece ser claramente distinguida e até dissociada da teologia, tomada no sentido etimológico da palavra, como um tratado sobre Deus. É o que geralmente se argumenta a partir da simples análise dos dois termos: o primeiro está totalmente no plano de ação (grego: *leit-ourgia* = obra-função de trabalho realizada pelo povo); o outro, pelo contrário, se move total e exclusivamente na linha de pensar / falar com / sobre Deus (grego: *theo-logía*).

[...]

Por outro lado, a liturgia, mesmo preservando o sentido operativo original, entrou na esfera da teologia, porque, como toda ação ritual sagrada implica necessariamente por sua própria natureza uma relação de diálogo com Deus, isso é ainda mais verdadeiro. A liturgia da religião revelada do Antigo Testamento, que por definição é a religião da palavra de Deus (1992, p. 1174).

A exemplo de Marsili e outros autores, percorreremos um caminho histórico, com breves acenos, para compreendermos a liturgia como lugar teológico (MARSILI, 1992, p. 1174-1187).

Na antiguidade cristã a liturgia é teologia, tanto que era considerada como *theologia prima*⁵. O rito sustentava o discurso teológico e a confissão de fé, permitia sua experiência e favorecia sua expressão (COSTA, 2010, p. 136).

⁴ Para a distinção entre fonte e lugar teológico ver também ELLACURÍA *apud* CAMPESE, 2005, p. 29.

⁵ “A liturgia foi considerada teologia prima, pois representa o primeiro momento em que a profissão de fé, transformando-se em praxe vivida, se torna a primeira linguagem teológica concreta que, na igreja, se viu colocada na base de todas as reflexões posteriores para a compreensão do que, como ditado simbólico, era apresentado aos fiéis na liturgia, e que formará a teologia que, com razão, deve ser

A teologia dos Pais da Igreja nasceu e chegou até nós como uma explicação do conteúdo da fé expressa e celebrada na liturgia. Por exemplo, a reflexão sobre os sacramentos era realizada a partir da celebração vivida em comunidade. Esta prática nos remete ao axioma *lex orandi – lex credendi*⁶. Os padres da Igreja e os teólogos do I milênio estudavam os sacramentos a partir do altar. A *lex orandi* era a mestra que ensinava o que é eucaristia. É no culto e a partir dele que se produzia teologia (norma da oração que estabelece a norma da fé), tornando-se o altar o verdadeiro mestre e a oração eclesial a fonte da inteligência do que se faz nos sacramentos (TABORDA, s/d, p. 29).

A Patrística é considerada a idade de ouro da unidade estrutural e vital entre a vida cristã e liturgia.

Desde a antiguidade cristã até o século IV-V, a ‘teologia’ está em estreita relação com a liturgia e esta última constitui ambiente e ocasião para a teologia.⁷

Infelizmente a fase de simbiose entre teologia e liturgia foi se arrefecendo e depois da época dos Padres, o rito foi perdendo grande parte da sua transparência e, impondo-se mais pela grande intensidade cerimonial que havia assumido, passou a apresentar-se como algo que continha a graça, que se achava simplesmente à espera de ser administrada.

A liturgia deixou, portanto, de ser o momento e a razão da teologia e a ação litúrgica deixa de ser teologia em todos os sentidos, limitando-se apenas a ser um ritualismo pobre, despojada do seu conteúdo.

Não admira, por isso, que no século XIX teologia e liturgia quase se venham a ignorar e a noção que então se vulgariza da liturgia seja predominantemente jurídica e esteticista (MARSILI, 1992, 1178).⁸

Que a liturgia fosse “apenas” cerimônias e rubricas não deverá ser entendido em sentido pejorativo como se se tratasse de uma redução do sentido da fé cristã. O que na liturgia chegava a ser problemático era apenas a estrutura do seu programa ritual, e não a sua necessidade e a sua legitimação em ordem à fé. Respondia-se apenas à pergunta sobre o “como” se celebra, sem interrogar o “que” se celebra nem o “porque” se celebra (COSTA, 2010, p. 136-137).

considerada como *theologia secunda*, isto é, como a ‘teologia’ posta em ação pela liturgia” (MARSILI, 1992, p. 1178).

⁶ Sobre o axioma ver TABORDA, s/d, p. 31-32.

⁷ Muitos autores escreveram sobre o assunto. Aqui citamos alguns: MARSILI, 1992. Também: COSTA, 2010. E ainda: PEIXOTO, 1982.

⁸ Ver também: PEIXOTO, 1982, p. 92; e ainda COSTA, 2010, p. 136.

Com o passar do tempo, “a liturgia busca a teologia”, como descreve Marsili (1992, p. 1178-1179). Na metade do século XVIII, E. de Azevedo, jesuíta português foi o primeiro a reivindicar que a liturgia ocupasse um lugar entre as ciências teológicas.

Relatando o florescimento da teologia litúrgica, S. Marsili afirma:

Nem no projeto de E. de Azevedo nem alhures, no seu tempo, podemos entrever algum sinal de uma ‘teologia litúrgica’ na orientação ou no nome, com exceção da obra de M. Gerbert, abade de Sankt Blasien na Floresta Negra (Alemanha), que entre as suas outras obras de liturgia em 1759 também publicou os *Principia theologiae liturgicae, quoad divinum officium, Dei cultum et sanctorum*, onde porém se encontra apenas uma espécie de introdução histórica à liturgia (1992, 1179).

Marsili, porém, reconhece que o maior conhecimento dos Padres e a publicação das fontes litúrgicas orientais e ocidentais davam origem, com efeito, a estudos que, mesmo apresentando-se em uma linha de pesquisa histórica muitas vezes orientada no sentido apologético da fé católica, abriam perspectivas para a teologia litúrgica.

Descrevendo o caminho da teologia litúrgica, Marsili oferece uma informação importante para o nosso tema: “Essa primavera de florescimento litúrgico, porém, não trouxe outro fruto senão o fruto, aliás pequeno, da passagem da liturgia para o grau de *locus theologicus*, fruto que não conseguiu ser bem compreendido pelos teólogos do século XIX” (1992, p. 1179).

A evolução da teologia litúrgica se deu com o Movimento Litúrgico, visto que, os vários expoentes deste Movimento, contribuíram de forma eficaz para essa construção⁹, tais como: D. Guéranger (1805-1875) com a publicação de *O Ano Litúrgico* e suas *Institutions Liturgiques*; D. Lambert Beauduin (1873-1960), que impulsionou a formação litúrgica dos sacerdotes e dos fiéis, sobretudo com a obra *A Piedade da Igreja* e a revista *Les Questions Liturgiques et Paroissiales*; Pius Parsch (1884-1954), em Klosterneuburg (Áustria); Odo Casel (1886-1948) do mosteiro Maria Laach, na Alemanha; José Antônio Jungmann (1889-1975), com os seus estudos sobre a história da Missa; Romano Guardini (1885-1968), por exemplo, com as suas reflexões

⁹ O professor e escritor de liturgia, Frei Alberto Beckhäuser define assim o início da tentativa de mudança: *Com os diversos movimentos de volta às fontes, a questão da renovação litúrgica voltou à tona nos últimos decênios do século XIX. Entre eles surgiu o Movimento Litúrgico de volta às fontes, em busca de uma compreensão teológica de Liturgia realçando particularmente a necessidade de uma participação de todos os cristãos na Sagrada Liturgia. Tais conquistas, sempre na linha da Teologia, da Espiritualidade e da Pastoral, sensibilizaram o Magistério supremo da Igreja* (2012, p. 8).

sobre *O Espírito da Liturgia*; Mario Righetti, com a sua *História da Liturgia*; a Rivista Litúrgica italiana, fundada em 1914.

Muitas Instituições também deram sua contribuição para a teologia litúrgica: Os mosteiros de Solesmes, Maria Laach, Mont-César, Beuron, Maredsous, o Instituto Litúrgico de Paris, de Trier (Alemanha) e Santo Anselmo, em Roma.

Também foram decisivas as intervenções dos Papas: S. Pio X e Pio XII. Este último, sobretudo com a *Mediator Dei*, de 1947, sobre a Liturgia que foi a carta magna da Liturgia até ao Concílio e inspirou, em grande parte, a Constituição litúrgica conciliar. Em 1948, nomeou uma comissão para a reforma da Liturgia; em 1951, reformou a Vigília Pascal; em 1955, a Semana Santa; em 1955, simplificou rubricas e textos da Liturgia das Horas; em 1956, introduziu a missa vespertina; e, em 1955 e 1958, publicou duas instruções sobre a música sagrada; João XXIII, que, ainda antes de anunciar e convocar o Concílio, em 1959, já tinha dado mostras de um espírito pastoral e litúrgico, sobretudo com as suas visitas às paróquias e a celebração das estações quaresmais.

Sem sombra de dúvida, este Movimento Litúrgico, preparou os ânimos e os materiais para o que a seguir ia ser a obra magna do Concílio, a reforma litúrgica (ALDAZABAL, s/d).¹⁰

Também no Brasil houve um Movimento Litúrgico, que não será possível tratar aqui em sua abrangência, mas destacamos nomes tais como: Dom Martinho Michler; Dom Beda Keckeisen; Dom Polycarpo Amstalden; Dom Hildebrando Martins; Frei Henrique Golland Trindade; D. Mário de Miranda Vilas-Bôas; Dom Tomaz Keller; D. Cabral; Dom Clemente Isnard (por muitos anos, foi o Presidente da Comissão Nacional de Liturgia e Membro do Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia) (ARIOVALDO DA SILVA, 2000, p. 118-119).¹¹

Com certeza existem outros nomes e Instituições que não é possível mencionar neste artigo. Sobre o Movimento Litúrgico no Brasil, o leitor poderá conferir sobretudo em escritos do liturgista José Arioaldo da Silva e outras publicações¹².

O Movimento Litúrgico, seja na Europa, ou no Brasil com certeza foi o grande marco para o desenvolvimento e a aplicação da teologia litúrgica.

¹⁰ Dados extraídos da internet em uma única página.

¹¹ E ainda: ROCHA, 2019, p. 40-52.

¹² Mencionamos aqui estes dois: ARIOVALDO DA SILVA, 2000, p. 109-131 e ROCHA, 2019, p. 40-52, mas o leitor pode encontrar mais bibliografia a respeito.

2.1. Contribuições para a teologia litúrgica

A experiência no ministério sacerdotal diocesano de *Lambert Beauduin* (1873-1960), assegurava-lhe uma visão pastoral da Igreja, com a preocupação de não separar a liturgia da vivência quotidiana, limitando-a à perspectiva monástica. O seu interesse pela pastoral litúrgica será o ponto de partida do Movimento litúrgico (COSTA, 2010, p. 143). Beauduin publicou, em 1912, o livro *Essai de manuel fundamental de liturgie* afirmando: "Se a teologia é a ciência de Deus e das coisas divinas, é claro que a liturgia se insere, com pleno direito, no âmbito dessa ciência" (BEAUDIUM *apud* MARSILI, 1992, p. 1179). Dissertando sobre a teologia litúrgica de Beauduin, Marsili afirma:

Beauduin ao expor 'o aspecto teológico' da liturgia segue esquema fixo. Primeiro apresenta um 'fundamento dogmático' relativo a cada um dos aspectos fundamentais que entram no conceito de liturgia (culto-igreja, termo-sujeito do culto etc.) e, depois de uma explicação no plano teológico, mostra como a liturgia constitui a realização de tudo isso no plano ritual (1992, p. 1179).

Marsili acrescenta:

Beauduin, embora reconheça a posição da liturgia como *locus theologicus*, tenta superá-la, mostrando que os próprios termos da definição – 'a liturgia é o culto da Igreja' - implicam um vasto conteúdo doutrinal que lhe serve de base e que faz da liturgia uma 'teologia' em ação (1992, p. 1179-1180).

Romano Guardini (1885-1968) - Embora não sendo monge, pertenceu ao grupo litúrgico de Maria Laach¹³. Ele considera a liturgia como ciência teológica em sentido estrito, uma vez que se ocupa da doutrina da fé tal como vida cultural. Sua contribuição para a teologia da liturgia foi a de assinalar para a necessidade de formar a pessoa, mediante a capacidade simbólica que a ajude a entrar na ação celebrativa. Ele abriu caminho para a relação entre liturgia e jogo, entre liturgia e experiência religiosa e entre liturgia e corpo (SANTOS COSTA, 2007, p. 178).

Odo Casel (1886-1948), explorando a doutrina dos mistérios, construiu a base sólida da teologia litúrgica, a partir da tradição e do argumento teológico: Para ele, 'o mistério de Cristo é um conjunto orgânico e vivo; é o grande mistério da redenção,

¹³ Já citada em nosso trabalho, mas vale lembrar que esta Abadia na Alemanha, se destacou na reforma litúrgica, sobretudo com seu monge Odo Casel (1886-1948).

portanto, onde está presente o mistério central, como é o mistério da cruz, todos os demais mistérios da vida de Cristo estão presentes’. Isso o leva a afirmar a presença sacramental do ato da morte e ressurreição de Cristo no ato litúrgico atual. Casel faz verdadeira teologia litúrgica, uma teologia fundada na própria liturgia (SANTOS COSTA, 2007, p. 178).

Cipriano Vagaggini (1909-1999), monge beneditino camaldolense, foi uma das figuras mais significativas do Concílio Vaticano II. Empenhou-se na elaboração da Constituição sobre a liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*. Foi um dos personagens mais qualificados do movimento litúrgico italiano. Em 1957 publicou a obra *Il senso teológico della liturgia*, reabrindo o discurso sobre a relação liturgia-teologia.

De acordo com S. Marsili no *Il Senso teológico della liturgia*, Vagaggini aborda a relação liturgia-teologia de acordo com duas linhas, que podemos definir da seguinte maneira: uma é de *conteúdo teológico* da liturgia, e a outra corresponde ao método empregado para dar *cunho teológico* à liturgia (MARSILI, 1992, p. 1182). Vagaggini intuiu uma liturgia teológica, mas não ainda uma teologia litúrgica. Incluiu a liturgia no tratado da teologia, mas não mostrou que a teologia é fundamentalmente litúrgica (SANTOS COSTA, 2007, p. 178).

A Constituição litúrgica do Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium (SC). O Movimento Litúrgico preparou o acontecimento do Espírito Santo, ou seja, o Concílio Vaticano II, que publicou como primeiro documento, a carta magna da liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*.

A SC apresenta nos artigos 5 a 8 com clareza e precisão os “fundamentos e princípios teológicos da renovação litúrgica”. Esses números são intitulados na edição mais antiga e mais divulgada no Brasil: *A natureza da liturgia*. Ou seja, o jeito de ser da liturgia, sua identidade.

A SC inicia apresentando a ‘revelação-histórica da salvação’ e chega progressivamente à ‘liturgia-ação salvífica de Cristo na Igreja’ (MARSILI, 1987, 108). São descritos os momentos sucessivos da história da salvação, começando com o momento profético-anúncio da história salvífica, no qual o Pai amoroso, que quer salvar todas as pessoas, se revela progressivamente (SC 5). Na ‘plenitude dos tempos’, a salvação entra na história, chega-se ao auge da revelação no Filho Jesus Cristo, o Verbo encarnado que completa a obra da Redenção humana e a perfeita glorificação de Deus, por seu mistério pascal de Sua sagrada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão (SC 5).

O Concílio põe no centro da liturgia o Mistério Pascal de Jesus. Este mistério é anunciado e celebrado pela Igreja, sacramento universal de salvação, do qual os sete sacramentos, também os sacramentais e as outras celebrações litúrgicas são como que um desdobramento (LITURGIA, 2019, p. 189). Deste mistério nasce a Igreja e com ela a liturgia (SC 5 e 6).

A SC passa a tratar a liturgia como celebração desta história, particularmente da obra salvífica de Jesus Cristo, na liturgia, onde Cristo está presente (SC 6 e 7).

A SC explicita a relação entre Escritura e liturgia e apresenta a liturgia como momento da Revelação – história da salvação, enquanto *realização* do mistério de Cristo. A liturgia se torna um evento de salvação e momento síntese desta história porque reúne anúncio e evento, isto é, Primeiro e Segundo Testamentos. A liturgia é também o *momento último* da mesma história, porque sendo a ‘continuação da realidade’, que é o Cristo, a sua tarefa é a de completar progressivamente em cada uma das pessoas e plena imagem de Cristo (MARSILI, 1987, 111).

Todos os cristãos, consagrados ('sancionados') como "povo sacerdotal" (Corpo Místico de Cristo, Cabeça e Membros), realizam o melhor ato de submissão, reconhecimento e gratidão a Deus por ter-nos feito participantes de sua própria vida divina (ARIOVALDO DA SILVA, 2003, p. 5).

Participando da liturgia, dizendo “sim” a Deus, à sua vontade e à sua obra, e sobretudo, celebrando na liturgia este nosso sim vivido, é que se leva a efeito a salvação. Este sim é dito, na força do Espírito, como diz o apóstolo Paulo, “o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir. É o próprio Espírito que intercede em nosso favor, com gemidos inexprimíveis” (Rm 8,26).

Como se faz? Mediante sinais sensíveis - Através de todos os nossos sentidos, usando palavras, símbolos, expressões corporais, gestos e ações simbólicas, música etc.; valorizando as expressões simbólicas e culturais da comunidade humana que celebra. Esses sinais sensíveis realizam o que significam (SC 7).

Falar do caráter simbólico da liturgia é falar de sua sacramentalidade. Desta sacramentalidade participam a celebração eucarística, os outros sacramentos, os sacramentais, o Ofício Divino, as celebrações da Palavra e tantas outras celebrações em nome do Senhor.

Celebrando, a comunidade de fé glorifica a Deus e é santificada por Ele, num verdadeiro diálogo entre os parceiros da Aliança: Deus e a comunidade de fé, até a eterna liturgia que se celebra na cidade santa de Jerusalém (SC 8).¹⁴

Salvatore Marsili (1910-1983) foi um dos primeiros, após o Concílio Vaticano II, a tratar a relação liturgia-teologia. Monge beneditino, do Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo (Roma) e diretor da *Rivista Liturgica*. Fez uma breve pesquisa histórica sobre *La liturgia nella strutturazione della teologia* de 1971, depois uma reflexão pessoal: *Liturgia e teologi., Proposta teorética* (MARSILI, 1992, p.1183).

Marsili é um grande teórico da teologia litúrgica:

Seguiu os passos de Odo Casel. [...] Ao redefinir teologia como teologia do mistério de Cristo e da história da salvação, naturalmente incluiu a liturgia como um eixo da teologia, pois a “liturgia” é aquela realidade na qual a revelação divina se torna acontecimento de salvação em ato e se coloca como momento síntese de toda a história da salvação. Assim, a teologia litúrgica ganha um estatuto definitivo no coração da teologia, a ponto de a liturgia ser reconhecida como a *theologia prima*, como nos primórdios da Igreja (SANTOS COSTA, 2007, p. 178).

Percorrendo a história da teologia litúrgica, de uma forma muito sintética, extraindo dela dados importantes para o desenvolvimento do nosso tema, vale destacar o que afirma Bonaccorso:

O movimento litúrgico e a reforma do Concílio Vaticano II redescobriram uma verdade antiga, a saber, a dignidade teológica da liturgia; redescobriram que o "mistério acreditado" pela fé é o "mistério celebrado" pela liturgia, que a presença de Cristo na história é inseparável da presença de Cristo no culto, que a salvação de Deus encontra sua primeira realização em louvor e em adoração da comunidade celebrante.¹⁵

A liturgia como *locus theologicus* foi um assunto muito discutido ao longo da história. Fato é, como testemunha Marsili que,

depois do Concílio Vaticano II, o discurso sobre a relação liturgia-teologia aprofunda-se, fica mais denso, ainda que sempre à procura de uma solução satisfatória a propósito da relação em si, bem como em

¹⁴ Vasta bibliografia, também de liturgistas brasileiros ou que atuam ou atuavam no Brasil. Cf. LUTZ, Gregório. Fundamentos e princípios teológicos da renovação litúrgica. In: LITURGIA, p. 187-196. Veja também: ARIIVALDO DA SILVA, s/d, p. 1-2.

¹⁵ Texto extraído da internet e não encontramos data da postagem e nem paginação.

busca da posição correta da liturgia dentro de todo o estudo teológico, segundo as exigências feitas pelo Vaticano II. Podemos considerar unânime o reconhecimento do sentido-valor teológico da liturgia. Existe igualmente acordo no reconhecimento do seu método próprio e do seu cunho científico (1992, p. 1184).

Há outros liturgistas que contribuíram para a teologia litúrgica. Não temos espaço no nosso trabalho para explanarmos a contribuição de cada um, por isso, vamos mencionar nomes: Gregório Lutz (1931-2019); Côn. José Antônio de Moraes Busch (1933-2010); Fr. Alberto Beckhäuser (1935-2017); Achille M. Triacca (1935-2002); Ione Buyst; José Ariovaldo da Silva; João da Silva Peixoto ; Andrea Grillo.

De Ione Buyst destacamos a contribuição para a ciência litúrgica dentro da perspectiva da libertação dos pobres – e da Teologia da Libertação. Ela assim sintetiza: “Em síntese são três aspectos interligados: 1) olhar, conhecer, apreender a realidade, isto é, a prática litúrgica no contexto da libertação dos pobres; 2) refletir sobre esta prática à luz da tradição; 3) elaborar critérios para esta mesma prática” (1990, p. 108).

É importante mencionar o Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard (CLDCI)¹⁶. O Centro é uma associação de natureza educativa, vinculada à Igreja Católica, constituída por um grupo de liturgistas que se dedica ao estudo, à formação, à pesquisa e à produção científica na área da liturgia. O CLDCI nasceu com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns, integrado à Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

O Centro de Liturgia foi e é até hoje grande agente da formação litúrgica no Brasil, conforme reza seu objetivo: “Contribuir com a formação litúrgica para dar continuidade à renovação conciliar e ao processo de inculturação da liturgia no Brasil, na América Latina e no Caribe, na perspectiva da evangélica opção preferencial pelos pobres” (Estatuto próprio, artigo 2).

Atualmente, em parceria com o Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), o CLDCI proporciona três cursos de Pós-Graduação *lato sensu*

¹⁶ Vale a pena conhecer a proposta do Centro de Liturgia que está sintetizada no trabalho de dissertação de mestrado do Pe. Alex José Adão. História do Centro de Liturgia e suas contribuições para a Igreja no Brasil, publicado pela Paulus. Ver também: LUTZ, Gregório, BUYST, Ione e o Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia N.S. da Assunção – SP. In: SIVINSKI, Marcelino e SILVA, José Ariovaldo, *Liturgia no coração da vida: comemorando a vida e ministério litúrgico de Ione Buyst*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 27-31. Ver ainda: BUYST, Ione. *Formação Litúrgica: 1985-2006*, Edição própria, São Paulo, setembro de 2007.

(Especialização) em Liturgia, Música Litúrgica e Espaço Litúrgico, Arquitetura e Arte Sacra¹⁷.

Grande contribuição devemos à Rede Celebra, uma rede formada por pessoas, grupos e comunidades, aberta ao diálogo ecumênico, comprometida com uma liturgia cristã, fonte de espiritualidade, inculturada na caminhada, solidária com os pobres¹⁸. Também as assembleias e publicações da Associação dos Liturgista do Brasil (ASLI)¹⁹.

Considerações finais

Na antiguidade, a liturgia, celebração do memorial do mistério de Cristo, era a teologia primeira. Ou seja, não havia separação entre liturgia e teologia. Como vimos, o rito sustentava o discurso teológico e a confissão de fé, permitia sua experiência e favorecia sua expressão.

Entretanto, o distanciamento entre liturgia e teologia trouxe consequências drásticas para a liturgia. Graças ao Movimento Litúrgico, que antecedeu o Concílio Vaticano II, começamos a superar a separação entre as dimensões do celebrar e do crer, principalmente por conta do aprofundamento do caráter teológico da liturgia e a recuperação de seu lugar não só na teologia, mas em toda vida da Igreja. Lugar este, ratificado pelo Concilio Vaticano II.

O caminho aberto para dar à liturgia seu devido lugar, foi e está sendo continuado por várias pessoas e grupos que se dedicam à ciência litúrgica, em vista de uma nova prática, como é o caso da Comissão Episcopal para a Liturgia da CNBB em suas respectivas áreas (liturgia em geral, música litúrgica e arte sacra e espaço celebrativo); do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard; da Rede Celebra; da Associação dos Liturgista do Brasil, do curso de Liturgia no Nordeste; das diversas Equipes de Liturgia sejam a nível comunitário, paroquial, diocesano ou regional que trabalham no serviço de animação da vida litúrgica seja das celebrações, da formação e da organização.

A tarefa não está concluída, não obstante, averiguarmos continuidade, ainda há muito a ser feito para que a liturgia não seja apenas ‘objeto’ da teologia, mas sim sua fonte.

¹⁷ CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD. Quem somos – um pouco da nossa história. Disponível na internet, sem paginação. <http://centrodeliturgia.com.br/institucional/>.

¹⁸ Maiores informações no site da Instituição: <http://www.redecelebra.com.br/quem-somos.php>

¹⁹ Maiores informações no site da Instituição: <https://www.asli.com.br/>

Referências

- ALDAZABAL J. *Movimento litúrgico*. Secretariado Nacional de Liturgia. Disponível em: http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver. Acesso em: 24 maio 2020.
- ARIOVALDO DA SILVA, J. Avanços e limites do Movimento litúrgico no Brasil. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. VIII, n. 31, p. 109-131, abr./jun., 2000. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/culturateo/article/view/23992/17295>. Acesso em: 25 maio 2020.
- _____. Sacerdócio universal e ministerial e liturgia ação eclesial: uma modesta reflexão por ocasião dos 40 anos da “Sacrosanctum Concilium”. In: *A teologia da Sacrosanctum Concilium (SC) na celebração eucarística*. 17ª Semana de Liturgia, São Paulo, Apostilado, Centro de Liturgia do Centro Universitário Assunção, 13 a 17 de outubro de 2003.
- _____. *Tentando definir a natureza da liturgia*. Petrópolis, Apostilado, s/d, p. 1-2.
- AQUINO JUNIOR, F. Sobre o conceito “lugar teológico”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 70, n. 278, p. 451-453, abr., 2010.
- BECKHÄUSER A. *Sacrosanctum Concilium: Texto e Comentário*, São Paulo: Paulinas, 2012.
- BONACCORSO, G. *La liturgia tra teologia e pastorale*. Trad: Google tradutor. Disponível em: <http://notedipastoralegiovanile.it/index.php?option=com>. Acesso em: 10 maio 2020.
- BUYST, I. *Como estudar liturgia: princípios de ciência litúrgica*. 2.ed., São Paulo: Paulinas, 1990.
- CAMPESE G. Hacia una teología desde la realidade las migraciones: método y desafíos. *Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente*, Guadalajara, 2005. Disponível em: <https://rei.iteso.mx/handle/11117/4679>. Acesso em: 10 maio 2020.
- CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD. *Quem somos – um pouco da nossa história*. Disponível em: <http://centrodeliturgia.com.br/institucional/>. Acesso em: 5 agosto 2020.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a sagrada liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1967.
- COSTA, B. O movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia: Antônio Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado. In: *Didaskalia*, 40(2), p. 135-156, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2010.2285>: Acesso em: 9 maio 2020.
- FLORES, J. J. Situación actual de la Teología Litúrgica. In: *Phase*, Barcelona, v. 48, n. 287-288, p. 515-550, sept./dic., 2008.
- GRILLO, A. *Teologia fondamentale e liturgia: il rapporto tra immediatezza e mediazione nella riflessione teológica*. Trad: Maristela Bravin. Padova: Messaggero, 1995.
- LITURGIA: vida e obra do Padre Gregório Lutz (1931-2019)*. São Paulo: Loyola, 2019.
- MANSCHRECK, C. L. *Philipp Melanchthon*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Philipp-Melanchthon/The-Augsburg-confession>. Acesso em: 22 maio 2020.
- MARSILI, S. A. A liturgia, momento histórico da salvação. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (Orgs.). *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 39-190. (Coleção Anámnese, 1).

- MARSILI, S. Teologia Litúrgica. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 1174-1187.
- PEIXOTO, J. S. Liturgia e teologia - Perspectivas actuais de um relacionamento completo. In: *Humanística e Teologia*. Tomo IV, n. 1. p. 87-101, 1982. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/24414?locale=pt_PT. Acesso em: 11 maio 2020.
- ROCHA, G. L. A Reforma Litúrgica no Brasil. In: *Novo impulso à reforma litúrgica no Brasil à luz do pontificado do Papa Francisco. Caderno de Conteúdos*. 33ª Semana de Liturgia – 21 a 25 de outubro de 2019. Mosteiro de Itaici – Indaiatuba-SP, Realização Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard em parceria com a Rede Celebra e UNISAL, p. 40-52. Disponível em: <http://centrodeliturgia.com.br/wp-content/uploads/2018/12/34.ª-SL-Caderno-de-Conteúdos.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.
- SANTOS COSTA, V. Juan Javier Flores: Introdução à teologia litúrgica. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 177-179, abr./jun., 2007.
- TABORDA, F. A teologia eucarística de Cesare Giraudo. *Pontifícia Faculdade de Teologia do Rio de Janeiro* – PUC-RJ, Rio de Janeiro, s/d, p. 18-46. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br ». Acesso em: 15 maio 2020.
- _____. Lex orandi – Lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, p. 71-86, jan./abr., 2003. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/588>. Acesso em: 15 maio 2020.
- TAVARES, S. S. Liturgia: lugar da teologia: a relevância de um antigo princípio. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.66, n. 261, p. 5-25, janeiro, 2006. Disponível em: <http://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/112>. Acesso em: 27 maio 2020.
- TRIACCA, A.M. “Liturgia” “Locus Theologicus” o “Theologia” “Locus Liturgicus”?: Da un dilema verso uma síntese. In: FARNEDI, G. *Paschale Mysterium: studi in memoria dell’abate Prof. Salvatore Marsili (1910-1983)*. Pontificio Ateneo S. Anselmo, Roma, 1986, p. 193-232.
- VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

Recebido em: 22/10/2020
Aprovado em: 29/10/2020